

O Revirão e o ciborgue comunicação, artificialismo e psicanálise¹

Potiguara Mendes da Silveira Jr.²

Resumo: Abordagem do *Manifesto Ciborgue*, escrito entre 1983 e 1991 por Donna Haraway, que se utiliza da imagem do ciborgue para indicar a diluição de fronteiras entre “o humano e o animal”, “o animal-humano (organismo) e a máquina” e “o físico e o não-físico”. As noções psicanalíticas de Revirão e Idioformação, contemporâneas desse período, também implicam esta fluidez de fronteiras ao excluïrem qualquer ligação intrínseca ao humanismo (mesmo o pós-) que o ciborgue ainda mantém por ser bastante tributário da reprodução biológica (mesmo que hibridizada à máquina). Apresentação das bases da Transformática, teoria psicanalítica da comunicação que se orienta por uma perspectiva artificialista de entendimento dos laços sociais e mentais.

Palavras-Chave: Comunicação. Ciborgue. Nova psicanálise. Transformática.

The ‘Revirão’ and the cyborg Communication, ‘artificialism’ and psychoanalysis

Abstract: The aim is to recall some steps in the creation process of ‘Transformatics’, the psychoanalytical communication theory which considers social and mental bonds as artifacts. Collation of these steps with the *Cyborg Manifesto*, written in 1981-1991 by Donna Haraway, in which the image of the cyborg is used to indicate the breaching of the boundaries between “human and animal”, “animal-human (organism) and machine”, and “physical and non-physical”. The psychoanalytical concepts of “Revirão” (reversal/return/loop) and Idioformation, introduced in these same years, also include these breaches but they exclude any link with the (post-)humanism which the cyborg still keeps, due to its bonding with the biological reproduction (even when it embraces organic and technological components).

Keywords: Communication. Cyborg. New psychoanalysis. Transformatics.

Le “Revirão” et le cyborg Communication, artificialisme et psychanalyse

Résumé: Abordage du *Manifeste Cyborg*, écrit entre 1983 et 1991 par Donna Haraway, qui s’utilise de l’image du cyborg pour indiquer l’effondrement des frontières entre “l’humain et l’animal”, “l’animal-

¹ Versão revista de trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

² Professor Titular (PPGCOM/UFJF). Doutor em Comunicação (Eco/UFRJ). Psicanalista (NovaMente/RJ).

humain (organisme) et la machine” et “le physique et le non-physique”. Les notions psychanalytiques de Revirão (chavirage/retour) et Idioformation, contemporaines de cette période, impliquent aussi cette fluidité des frontières dans la mesure où elles excluent la liaison intrinsèque à l’humanisme (même le post-) que le cyborg maintient encore, dû au fait d’être débiteur de la reproduction biologique (même si elle est hybridisé avec la machine). Présentation des bases de la Transformatique, théorie psychanalytique de la communication orientée par une perspective artificialiste de la compréhension des liens sociales et mentaux.

Mots-clés: Communication. Cyborg. Nouvelle psychanalyse. Transformatique.

O chamado “campo comunicacional” não tem conseguido definir seu estatuto “científico”. Várias são as teorias utilizadas pelos estudiosos para realizar suas investigações, o que dá motivo para alguém como Muniz Sodré (2012) afirmar que, nele, “sob o influxo da pura e simples reprodução, as teorias flutuam como moeda sem lastro, remetendo indefinidamente umas às outras, por meio da exegese de tipo universitário” (p. 24). Essa indefinição, por outro lado, é vista positivamente, como vantagem, já que é um campo que surgiu e se desenvolveu numa época em que justamente começavam a perder fôlego as definições produtoras de demarcações e distinções – entre ciência, filosofia e arte, por exemplo – que pareciam garantir a força da modernidade. Modernidade esta, que, sobretudo a partir do final do século 17, se caracterizou pelos procedimentos de purificação e de separação que teriam promovido o que chamamos de progresso. Esses procedimentos, entretanto, não puderam suprimir (ao contrário, aceleraram) as traduções, mediatizações, interfaces, transfusões e hibridizações que supostamente deveriam ser excluídas para ela estabelecer-se como tal, isto é, como moderna (racional e nova).

Uma vez então que, ao final dos anos 1980, “vão se tornando fluidas as fronteiras entre campos outrora bem demarcados (fenômeno análogo à crise dos gêneros na literatura) no pensamento social” (Sodré 2012, p. 15), as pesquisas e observações realizadas no campo comunicacional parecem não poder deixar de proceder enumerando e descrevendo tipos e situações que nos são cada vez mais comuns e próximas: figuras ambivalentes, tramas sociotécnicas, e, sobretudo, reviravoltas e avessamentos que ocorrem a todo momento, se aprimoram, se expandem e se desfazem. Armou-se um inusitado ambiente em que conceitos modernos como “revolução, progresso, emancipação, desenvolvimento, crise, espírito da época” (Habermas [1985], p. 18) perdem seus contornos tradicionais ante uma

“compressão do espaço-tempo”, que, desde o último quartel do século 19, teria causado uma “crise da representação” (Harvey [1989], p. 237), e em que a simultaneidade passa a ser a preocupação de pensadores, estudiosos e artistas. Esvaziou-se, assim, o anterior sentido do desenrolar progressivo da temporalidade e, a partir daí, efetivamente – segundo Martin Berman ([1982], p. 89), citando Marx (citação esta repetida *ad nauseam*, aliás) –, “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Seguindo este quadro, o objetivo deste artigo é revisitar um pouco o que se mostrava como preocupação e como perspectiva de fluidez das fronteiras nos anos 1980. Isto, no intuito de acompanhar a montagem das bases da *Transformática*, teoria psicanalítica da comunicação apresentada em (Magno [1996], p. 391-428) e que tem orientado nossa linha de pesquisa – “Comunicação, estética e psicanálise” – desde então.

1. “Somos, em suma, ciborgues”

O ponto de partida é a metáfora do *ciborgue*, que já era usada para identificar seres dotados de uma concretude que não estava disponível nas figuras criadas anteriormente pela ficção científica. Já era possível visualizar de maneira bem realista que esses híbridos de organismo e máquina iriam sobejamente habitar nossos cotidianos. E, além disso, que tornavam tangíveis modos de pensar e operar nossas percepções e arazoamentos para além das bases que as nortearam até então. Mais que isso, já possibilitavam dizer: “Somos, em suma, ciborgues”.

É o que foi escrito (p. 37) num texto, em forma de manifesto, considerado seminal por estudiosos da comunicação e de outros campos. Nele, o ciborgue e o feminismo são acionados para prospectar um novo panorama, que, hoje, é bastante palpável, rotineiro e onipresente no mundo. A intensidade desse panorama é maior ou menor, dependendo das condições – políticas, econômicas, sociais – de cada região, mas, dada a atual amplitude das tecnologias de comunicação, sabe-se que não há ponto algum do planeta fora de seu alcance e de seus efeitos. Esse texto, que nos serve de referência inicial, é o *Manifesto Ciborgue*, no qual sua autora, Donna Haraway (1944-) ([1983, 1991]), elenca uma série de acontecimentos que (não prenunciavam, mas, sobretudo) já tinham mostrado bem, alguns apenas

embrionariamente, sua vocação transformadora e sem volta a dispositivos de diferenciação que vigoraram antes, ainda que durante longo tempo.

O termo *ciborgue*, como alerta o tradutor brasileiro³, funciona em inglês também como adjetivo. Estamos, pois, diante de um manifesto que é ele próprio qualificado como *ciborgue* e, simultaneamente, se utiliza dessa imagem – “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Haraway [1983, 1991], p. 36) – como mito para afirmar suas proposições. Daí ser um manifesto “em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como da *responsabilidade* em sua construção” (id., p. 37).

As “três quebras de fronteiras cruciais” que ela descreve são, respectivamente: (1) A “fronteira entre o humano e o animal”, relacionada ao “prazer da conexão entre o humano e outras criaturas vivas”, conexão esta que contribui para “diminuir a distância entre a natureza e a cultura” (id., p. 40) e entre as “ciências da vida e as ciências sociais”. (2) A fronteira “entre o animal-humano (organismo), de um lado e a máquina, de outro” (id., p. 41), pois “as máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo”. Com isto, “perde-se a autoria/autoridade transcendente da interpretação e com ela a ontologia que fundamentava a epistemologia ‘ocidental’”. E, subconjunto da anterior, (3) a “fronteira entre o físico e o não-físico”, que é “muito imprecisa para nós”, pois há que lidar com o fato de que “a maquinaria moderna é um deus irreverente e ascendente, arremedando a ubiquidade e a espiritualidade do Pai” (id., p. 43). Essas três quebras não são simples, e não se encaixam nas proposições das teorias do determinismo tecnológico. Elas concernem, sim, a “fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades” (id., p. 45).

São elucidativas as listas⁴ feitas por Haraway para tipificar suas ideias. Para ela, as “tradições da ciência e da política ocidentais” se compõem de quatro tradições:

³ Tomaz Tadeu, que é também o organizador do livro.

⁴ Aliás, a importância de fazer listas pode ser verificada na interessante e instigante (para Marvin Minski ou Edward Fredkin, por exemplo) criação, no início dos anos 1970, da *Ideonomia* por Patrick Gunkel. É a ciência das leis das ideias e da aplicação de tais leis para a geração de todas as possíveis ideias em conexão com qualquer tema, ideia ou coisa. O ideonomista é aquele que produz listas e suas combinações para “descobrir conhecimento

do “capitalismo racista, dominado pelos homens”; do “progresso”; da “apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura”; e da “reprodução do eu a partir dos reflexos do outro”. É contra estas tradições que “a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras” (id., p. 37).

Na guerra assim definida, interessa destacar para nossos propósitos de análise que o ciborgue é “concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade”. O “sexo-ciborgue” é um processo de replicação “desvinculado de reprodução orgânica” (id., p. 36), o que tem consequências políticas insólitas em relação ao que se pensava até então, ultrapassando mesmo, segundo Haraway, o que Foucault trouxe como biopolítica (id., p. 37). A forma que aí está em jogo é “não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas talvez um mundo sem fim” (id., p. 37-38), pois “a encarnação ciborguiana está fora da história da salvação”, e “tampouco obedece a um calendário edípico, no qual as terríveis clivagens de gênero seriam curadas por meio de uma utopia simbiótica oral ou de um apocalipse pós-edípico”. A lista aí diz respeito a um “mundo pós-gênero” sem compromisso com: bissexualidade; simbiose pré-edípica; e trabalho não-alienado (p. 38).

Para finalizar a citação das listas de Haraway (há outras), destaquemos que, segundo ela, as narrativas de origem ocidentais se mantêm às custas do

mito da unidade original, da ideia de plenitude, da exultação e do terror, representados pela mãe fálica da qual todos os humanos devem se separar – uma tarefa atribuída ao desenvolvimento individual e à história, esses gêmeos e potentes mitos tão fortemente inscritos, para nós, na psicanálise e no marxismo. (...) O ciborgue pula o estágio da unidade original, da identificação com a natureza, no sentido ocidental (id., p. 38-39).

Enfim, um gancho do tema do ciborgue – ou do tema-ciborgue, para usar o termo como adjetivo – com a Comunicação pode ser detectado na ideia fundamental de que os ciborgues “não conservam qualquer memória do cosmo⁵: por isso, não pensam em

que já existe. Mas estava escondido, enterrado, sob formas primitivas e inusitadas, no pensamento e nas ideias humanas” (Doren 1992, p. 387). Gunkel supõe que “o futuro tem uma substancialidade sólida e pode ser mais inteligível que o passado” (id., p. xiv).

⁵ “O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó” (Haraway [1983, 1991], p. 36).

recompô-lo”, mas, mesmo assim, desconfiando “de qualquer holismo (...), *anseiam por conexão* [needy for connection]” (grifos nossos) (id., p. 40).

Na sequência, o texto de Haraway aborda diversos pontos associados às perspectivas abertas pela imagem do ciborge no feminismo e em seus programas de ativismo. Retornaremos ao *Manifesto* adiante.

2. A bi-orientação e o corte

Tudo isso exposto acima serve, agora, para retomarmos algumas questões que o projeto de reformatação do aparelho teórico psicanalítico, denominado Nova Psicanálise, enfrentou nessa mesma época. Como dito no início, acompanhar essas questões nos interessa porque foi esta reformatação que veio apresentar na década seguinte a *Transformática*, teoria psicanalítica da comunicação.

Focalizaremos o momento em que a Nova Psicanálise apresenta o eixo mais importante de sua operação, de seus entendimentos e intervenções, o conceito de *Revirão* (cf. item 4 abaixo). O ano é 1982, quando, retomando a banda (ou cinta, ou fita) de Moebius⁶ como exemplaridade para o funcionamento mental, MD Magno⁷ nela descreve os pontos que a tocam como “bi-orientados” (Magno [1982], p. 212). Isto, para além do fato de suas face, margem e borda serem uma só. Como sabemos, ela é uma superfície não-euclidiana e unária sobre a qual o percurso contínuo a partir da posição anotada num ponto, após passar por metade de toda a face, “encontra o avesso da primeira posição, com rotação inversa à de sua orientação original” (p. 211). É o que se vê, por exemplo, na reprodução abaixo em que Escher figura o trajeto de uma formiga⁸ sobre ela (basta escolher a formiga num ponto e seguir sua rota para verificar):

⁶ Já utilizada por Lacan para descrever a estrutura intervalar do sujeito (entre significante e significado). A banda de Moebius, que é o mais conhecido objeto topológico, foi criada por August Ferdinand Moebius (1790-1868) como uma superfície unilátera na qual direito e avesso se encontram em continuidade e contidos um no outro.

⁷ Criador da Nova Psicanálise. Cf.: http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno

⁸ Ela caminha continuamente, parecendo percorrer duas faces da banda, de um lado para o outro, mas, na verdade, apenas percorre sua face única.



(Moebius Strip II, 1963)

Ou, se quisermos:



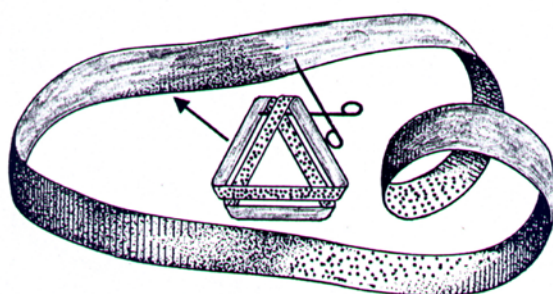
(Carol & Mike Werner/Visuals Unlimited/Getty, 2012)

Para a psicanálise, o que aí ocorre não é uma não-orientação dos pontos, como pensam os matemáticos, e sim “*dois* apareceres do mesmo ponto, um em situação avessa ao do outro”, o que permite pensar que “eles podem se orientar, alternadamente, com rotações opostas, sendo que, tomada uma das orientações, a outra responde à primeira como fundo, ou como eco, ou horizonte de sua revirada” (Magno [1982], p. 212).

Pensar esta “bi-orientação” é consequência direta da obra de Freud sobre o funcionamento psíquico em reversibilidade: a mente se comporta como se não conhecesse intrinsecamente barreiras, oscilando entre valores opostos e convertendo-os indiferentemente um no outro. As operações de censura e recalque atuam como inibidoras e cerceadoras dessa funcionalidade, mas mesmo aí a função reversível da mente mantém sua efetividade, pois as formações psíquicas sempre retornam disfarçadas, substituídas por outras, ignorando princípios de contradição e exclusão. Diz Freud, por exemplo, que “cada encadeamento de pensamento [no sonho] é quase

invariavelmente acompanhado por sua contraparte contraditória, ligada a ele por associação antitética” (Freud [1900a], p. 332).

A banda de Moebius nos é útil por oferecer uma expressão didática da *topologia do corte* que a nova psicanálise considera estar operante na mente. Trata-se de um corte que “tudo corta e recorta, sem retorno, ao mesmo tempo que se mantém unário e único em sua repetição incisiva e incisora” (Magno [1982], p. 210). E mais, esse corte só se inscreve para nós “quando a superfície unilátera, re-operada pelo corte, se transforma em bilátera” (id., 213). É quando temos a bilateralidade dos cortados, aquela que nos é familiar nos mais variados objetos macrofísicos do cotidiano, em que predominam relações de opositividade em exclusão recíproca, presentes nas distinções entre esquerdo e direito, positivo e negativo, dentro e fora, homem e mulher... Na ilustração abaixo, podemos acompanhar a operação em que, após ser cortada longitudinalmente, a banda unilátera se transforma em banda bilátera:



Aí está, graficamente apresentada⁹, a ordem de acontecimentos que foi intuída por Freud no psiquismo. Nesta ordem, a concomitância e a simultaneidade são anteriores à disjunção de que sofrem as *formações*¹⁰ em sua expressão linguageira, discursiva, macrofísica. Ela é *prévia* à sua expressão opositiva. Por isso, diz ele: “o

⁹ Ilustração retirada de (Magno [1999], p. 67).

¹⁰ Para um aprofundamento deste conceito na nova psicanálise, cf. (Medeiros, 2008, p. 4): “Por *formação* entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e anti-partículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização...”

que, no consciente, se encontra dividido num par de opostos muitas vezes ocorre no inconsciente *como uma unidade*” (grifos nossos) (Freud [1910h], p. 153-4)¹¹.

3. Ponto bífido: o sexo e a comunicação

A nova psicanálise chama de *Ponto Bífido* esse ponto de bi-orientação. É o “ponto único originário” que ela propõe à topologia¹² como seu *sexo* (dela, topologia). Nele, há dois sexos, mas que se mantêm em equivocidade, transiência, transitividade e anfibologia¹³. Estamos lidando aí não com uma bissexualidade, e sim com uma *anfissexualidade*, com um ponto uno que já é bifendido antes ainda de surgir, por exemplo, como os ditos sexos opostos a que estamos acostumados no campo do vivo (e, por extensão, na geometria euclidiana). Nossa espécie¹⁴ se define, então, por ser aquela na qual a sexuação “não é a dos pontos euclidianos, mas a do ponto bífido”, que, “por ser fendido e jamais poder aspirar por qualquer concomitância”, não precisa ter seu suporte em crenças sobre a existência de alguma relação sexual, isto é, de “relação entre os dois sexos do mesmo ponto” (Magno [1982], p. 213).

Note-se aí a ênfase na radicalidade do que a tradição psicanalítica já tinha apresentado de Freud a Lacan quanto ao tema da sexualidade. Radicalidade esta que a situa fora do folclore a respeito de práticas sexuais, fora da abordagem científica pela sexologia, e mesmo fora de muito do que a própria psicanálise inicialmente entendera, por exemplo, como perversão ou complexo de Édipo. A ênfase está no movimento de Freud pensar a sexualidade retirando-a de seus fundamentos biológico, anatômico e genital, inserindo-a em âmbitos impensados em sua época – na infância e no inconsciente –, e nela computando a característica de construção mental essencial à atividade humana. Está também em Lacan que afirmara a

¹¹ Raciocínios expostos em (Magno [2009], p. 85-92).

¹² A topologia é uma geometria “de borracha”: ocupa-se das transformações que um objeto pode sofrer, abstração feita das relações quantitativas de mensuração. Sua concretude operacional é exemplificada em objetos físicos ou abstratos, dispensando a idealidade das regras euclidianas de composição. Encher uma câmara de ar ou esticar um fio de elástico, por exemplo, significa deformar topologicamente esses objetos, a partir de propriedades como vizinhança, aderência ou continuidade, que os caracterizam.

¹³ Anfibologia: “Em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e na linguística moderna, duplicidade de sentido em uma construção sintática (ex.: *venera o filho o pai*); ambiguidade, anfibolia”. Cf. Dicionário *Houaiss* on-line.

¹⁴ Para a nova psicanálise, nossa espécie é a espécie daqueles que são portadores desse ponto bífido como qualidade básica de seus processos mentais.

impossibilidade lógica, para nossa espécie¹⁵, de “escrever” a relação sexual, o que o levou a dizer: “não há relação sexual”.

Após os avanços trazidos por ambos, a nova psicanálise propõe um passo a mais ao extremar o entendimento da sexualidade como *artificialismo*, como a pura *articulação* que é a característica básica dos processos mentais (Silveira Jr., 2006). Então, uma vez entendido que a sexuação de nossa espécie “não é a dos pontos euclidianos, mas a do ponto bífido” (no qual não se escreve a “relação” entre os dois sexos), afirma-se que, “por meio de um lapso, facilmente [se mantém] entre eles um *percurso transitável*” (grifos nossos) (Magno [1982], p. 213).

Justamente esta possibilidade de “percurso transitável” (sem estabelecer “relação”) é que fundamenta a concepção de *comunicação* que tomamos como referência para nossos estudos e pesquisas.

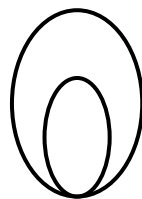
4. O Revirão e a Pulsão

Admitindo-se, pois, que a sexuação vista sob o aspecto artificialista é o que qualifica nossa espécie, podemos conceber o ponto bífido como integrante fundamental da operação do revirão¹⁶ aludida no início do item 2. Como vimos, a cada meio-curso sobre a banda de Moebius, opera-se uma reversão. Mas o movimento não para e, na sequência, “no inteiro percurso, [o ponto] retorna ao seu estado inicial depois de duas reversões: depois de um *revirão*” (Magno [1982], p. 215). Há, pois, duas reversões no curso por inteiro, e nele se retorna à “identificação com o sexo de partida” (lembrar que estamos falando dos dois sexos da banda). É esta operação que está sendo chamada de revirão, na qual, a cada meio-curso, há uma “*experiência de escansão*, de diferença sexual”, em que “o *corte* foi percorrido *todo* uma vez até então (...) – o resto do percurso sendo de *retorno* ao lugar inicial” (id., p. 213).

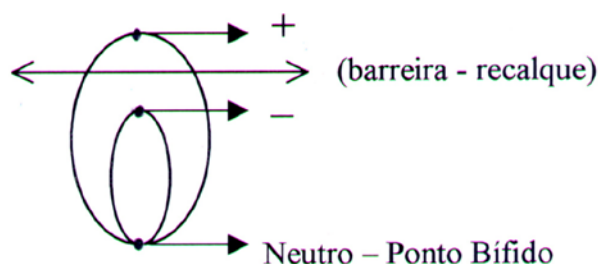
Para figurar os raciocínios apresentados, retomemos o percurso longitudinal sobre a banda de Moebius (aquele feito pela formiga de Escher que mencionamos). Ele é chamado de oito-interior por ser graficamente representado assim:

¹⁵ Espécie que, para ele, é composta de sujeitos da fala, os falantes.

¹⁶ Uma visão geral do conceito pode ser obtida em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Revir%C3%A3o>



Se aí notarmos as passagens, avessamentos e reversões (de + para –) descritas acima, teremos:



Para completar esta representação, é preciso introduzir outro conceito, o de “Pulsão de Morte”, criado Freud para descrever o que detectava no psiquismo (sendo também extensivo à vida orgânica) como uma pressão compulsiva e tendente a reduzir a zero qualquer excitação que surgisse¹⁷. A nova psicanálise amplia o alcance deste conceito para além do âmbito do psiquismo. Considera-o uma compulsão repetitiva que está a serviço de um movimento ubíquo, ineliminável, constante, presente no que há, no *Haver*¹⁸, cujo sentido último é o de sua própria extinção enquanto movimento. E para escrever esse sentido pulsional, de extinção absoluta do que há, enuncia-se uma Lei: “Haver (A) desejo de não-Haver (Ã)”, que se formula como: $A \rightarrow \tilde{A}$. Esta Lei busca expressar um acontecimento geral – da ordem da *physis* –, e não algo convencionalizado na ordem do discurso.

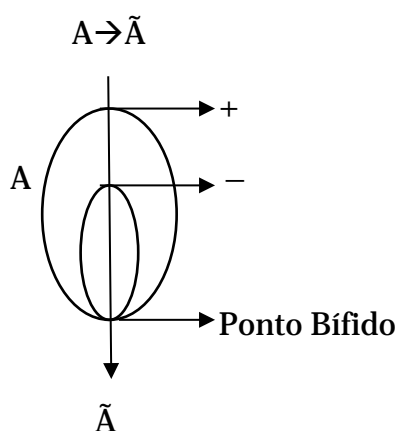
Esse movimento, a rigor, é inconsecutível, pois não há como levá-lo a um fim, isto é, levá-lo a efetivamente não mais haver e ainda continuar desejando não-Haver.

¹⁷ Freud ([1920]) identifica esta tendência ao analisar o que ocorre na transferência entre analista e analisando, nos sonhos traumáticos dos neuróticos de guerra e nas brincadeiras das crianças.

¹⁸ Conceito importante da Nova Psicanálise, o *Haver* engloba o que quer que exista. Ele se movimenta segundo a força constante da Pulsão e inclui quaisquer outras noções que definam o que há: “universo”, “cosmo”, “multiverso”, etc., mas não se reduz a elas. Deparamo-nos sempre com a *resistência* eterna do Haver a seu desaparecimento, pois nada pode destruí-lo totalmente, embora a força que o empuxa tenha um único sentido, o de sua extinção absoluta. Cf. (Alonso, 2010).

Só lhe resta, então, permanecer indo a um ponto máximo de intensificação, de exasperação, não conseguir não haver, revirar para “dentro” de si mesmo por ausência de saída (pois o não-Haver, como diz o nome, não há), avessar os sentidos de suas polarizações, continuar nesse impulso constante de buscar não haver, não conseguir, revirar de novo...

Dados esses elementos e funções, temos agora a representação completa do Revirão:



5. As (des)conexões: idioformações e ciborgues

Pedimos desculpa por estes últimos itens predominantemente teóricos, mas um pano de fundo aqui é a afirmação de Muniz Sodré sobre teorias “sem lastro” (Sodré, 2012, p. 24). Daí, nossa ênfase nos “lastros”. A problemática de Muniz se dirige ao campo comunicacional visto segundo a “performance universitária” e incluído, sobretudo, na área do “pensamento social” (id., p. 15). A perspectiva que seguimos não se prende diretamente a esta área e considera que a questão da Comunicação é bem mais ampla do que sua circunscrição a qualquer “rubrica acadêmica [da] administração pedagógica das universidades”¹⁹ (id., p. 23), mormente aquela que veio a ser hegemonicamente praticada no Brasil.

Dizemos “hegemonicamente” porque, no início dos anos 1970, justamente na faculdade de comunicação disponibilizava-se o contato com a teoria psicanalítica

¹⁹ Tampouco Muniz considera o campo comunicacional restrito a esta rubrica. Seu artigo aponta que ele, o campo, se deixou reduzir a ela.

como uma referência original para o estudo e o entendimento da Comunicação *tout court*, seus processos e efeitos nas sociedades e nas mentes. Isto possibilitou entender que a psicanálise como experiência, como trabalho de cura e modo de pensar (sobre as pessoas, a mente, a ciência, a cultura...) extrapola os métodos vigentes na academia, o que não a exclui de tratar – e é o que faz, *segundo protocolo próprio* – de questões também tratadas pelo “pensamento social”, científico ou outros. Na década seguinte (1980), após introduzir o pensamento de Jacques Lacan no Rio de Janeiro, o que veio a ser chamado de Nova Psicanálise²⁰ implantou-se com o objetivo de reformatar por inteiro o aparelho teórico-clínico e declaradamente sintonizá-lo à ambiência dos acontecimentos de fluidez de fronteiras e de transfusão tecnológica que então se mostrava como situação sem retorno a modos de pensar anteriores.

Vamos, agora, ao cotejo²¹ com as ideias trazidas por Haraway citadas no item 1. Para os propósitos do presente texto, nosso foco está no momento de introdução do conceito de revirão pensado como operação básica da mente e do Haver. Se assim é, de saída, fronteiras do tipo mente / corpo, *res extensa* / *res cogitans*, espírito / matéria se desfazem, e a *narrativa de origem* aí em jogo vai especificar o humano como aquele que é portador/operador do revirão (revirão este que também está no Haver). Ele só é “humano” por portá-lo e quando opera referido a ele, e não por ser, segundo a narrativa bíblica original, formado “do pó da terra”, a quem algum Deus teria aplicado “o sopro da vida” (Gênesis, 2,7).

Mais que isso, *considerar o revirão como operação primordial retira o escopo da nova psicanálise – e, portanto, de sua teoria da comunicação – do âmbito de qualquer humanismo (ainda que pós-)*. Estamos tratando de seres em cujas mentes o movimento pulsional do Haver, não se sabe por que, replicou-se como sua competência de base. São seres chamados (não de humanos, mas) de *Idioformações*²², isto é, são formações que, além de suas componentes biológicas,

²⁰ Depois, também denominada NovaMente (Magno [1998]).

²¹ Pensamos que este cotejo seria útil quando, após leitura do texto de Haraway com alunos de pós-graduação, verificamos que seus modos de raciocínio (deles, alunos), em grande parte, ainda não processavam bem as indicações de fluidez das fronteiras que ela apresentava.

²² Termo introduzido em (Magno [1995], p. 229-242) para nomear os portadores/operadores do ponto bifido. A existência das idioformações não se restringe a seres do planeta Terra, pois

comportamentais e culturais – também encontradas em maior ou menor grau em outros vivos –, têm a competência mental de propor oposições, neutralizá-las e disponibilizar passagens de um polo a outro em continuidade. Isto faz com que, diante do que quer que se apresente, possam pensar – e mesmo exigir – o contrário daquilo. Daí sua capacidade inventiva, produzindo próteses que se confundem com seus próprios corpos e mesmo com seus processos pensantes – a ponto de, em muitos casos, já não distinguirmos uns dos outros. É justo esta possibilidade de não-distinção, de *in-diferenciação* (dos opostos), que caracteriza fundamentalmente as idioformações.

A passagem de um polo da oposição a outro é trabalhada em vários pensamentos, mas, neste caso, trata-se da *suspensão* – ainda que por um instante – do próprio caráter opositivo das formações²³ dentro do Haver. É uma suspensão causada pelo ponto bífido do revirão, o qual não se situa ‘entre’ as oposições, mas é, sim, um ponto *terceiro*, em que, como dissemos, se disponibiliza à possibilidade de criação (não de sínteses, mas) das *próteses* (artísticas, mentais, tecnológicas) que têm caracterizado o modo de existir artificialista de nossa espécie. Espécie esta de idioformações, para a qual as fronteiras – entre “o humano e o animal”, “o animal-humano (organismo) e a máquina”, “o físico e o não-físico” – elencadas por Haraway ([1983, 1991], p. 40-43) podem ser suspensas, e o são com frequência cada vez maior em função da tecnologia disponível. Tecnologia mental, sobretudo – antes ainda de resultar em *gadgets* de mercado.

Como esta suspensão é não apenas possível, mas inevitável (pode ocorrer à revelia da vontade das idioformações), percebe-se que diferenciações e dispositivos como “a natureza e a cultura”, “ciências da vida e ciências sociais”, “a autoria / autoridade transcendente da interpretação”, “a ontologia da epistemologia ‘ocidental’”, aludidas por Haraway, haurem sua força das exclusões (recalques) que têm que fazer para conseguir seus resultados. Isto é, ganham força de suas tentativas de fazer com que a posição oposta do que estão considerando (que também faz parte da consideração) deixe de responder “à primeira como fundo, ou como eco, ou

há idioformação onde houver formações que portem o revirão, sejam quais forem suas características físicas e comportamentais. As idioformações de nosso caso terrestre são chamadas de *pessoas*.

²³ Cf. nota 10 acima.

horizonte de sua revirada” (Magno [1982], p. 212). Os resultados obtidos mediante essa prática excludente podem ser bastante úteis, cientificamente acompanháveis em laboratórios, etc., mas são sempre necessariamente limitados (quando não limitadores), já que são os efeitos da tentativa (sempre fracassada, aliás) de impedir tanto os deslizamentos em direção ao polo oposto, quanto o retorno do que foi recalçado. É uma prática não só empobrecedora do conhecimento como também inglória, pois, como dissemos, o movimento pulsional (por não conseguir extinguir-se absolutamente, embora seja este seu desejo) jamais cessa de neutralizar e avessar o que quer que haja.

O ciborgue serviu a Haraway como figura representativa apta a sustar os usuais dispositivos ocidentais de “reprodução do eu a partir dos reflexos do outro” (id., p. 37). Serviu também para evidenciar o “sexo-ciborgue” como processo de replicação “desvinculado de reprodução orgânica” (id., p. 36), “fora da história da salvação”, sem “obedece[r] a um calendário [pré ou pós-] edípico” – abrindo assim a perspectiva de um “mundo pós-gênero”, fora dos mitos do “desenvolvimento individual e [da] história [...] inscritos [...] na psicanálise e no marxismo” (p. 38). É uma precisa descrição do que passou a ser rotineiro quanto a muitos comportamentos e reflexões nas décadas seguintes, sobretudo porque foi realizada num momento em que, para muitos, ainda não havia clareza quanto a isso.

O objetivo deste texto é destacar que, nesse mesmo momento, ao criticar as posturas psicanalíticas anteriores, a Nova Psicanálise também indicava este cenário como inevitável. Sua crítica não era à direção abstrativa e artificialista presente nas obras Freud e Lacan (cf. item 3 acima), mas ao caráter folclórico de que se revestiram em sua difusão (daí a referência de Haraway ao “calendário edípico”²⁴). Lacan já explicitara e ampliara a abstração do pensamento freudiano, retirando-o do âmbito comportamental e prescritivo para o qual tinha resvalado em seu tempo (sobretudo

²⁴ O complexo de Édipo não é matriz do pensamento psicanalítico. Apesar da insistência de Freud, pois descrevia o que ele efetivamente observava nas pessoas de seu tempo e de sua cultura, é apenas uma história ocidental usada como ilustração de um raciocínio abstrato, o qual ficou em segundo plano, quando não ocultado, pela prevalência dada à narrativa grega. O importante é o princípio de separação (em relação às pegadas biológicas e co-naturalizantes) constitutivo da idioformação. O Édipo “em Freud, é uma metáfora, uma tentativa de entender a relação da pessoa com a lei. Imediatamente depois de Freud, cai em posição de mitologização da psicanálise: esquece-se que era metáfora dessa relação e instaura-se uma historinha que cada um tem a obrigação de seguir” (Magno [2007], p. 72).

nos EUA). Entretanto, quando de sua morte em 1981, muito mais rapidamente do que ocorrera com Freud, sua obra já havia sido (e continua sendo até hoje) apropriada filosófica ou psicologicamente também (ou mesmo porque foi apropriada assim) no mesmo sentido de prescrição ou reforço de comportamentos em consonância com formações culturais petrificadas e de difícil deslocamento.

Mais ainda, cabe-nos registrar que a imagem do ciborgue, utilizada com precisão e percuciência por Haraway, é ainda limitada ante o que a nova psicanálise apresentou na época com as ideias de *formações do Haver*, de idioformação, e, sobretudo, do revirão. O “sexo-revirão” é mais abstrato que o sexo-ciborgue, pois este ainda é bastante tributário da reprodução biológica (mesmo que hibridizada à máquina). A sexuação referida ao revirão implica uma *anfisexualidade* (cf. item 3 acima), puro corte que é anterior aos cortados (podendo “passar de um para outro lado” (Magno [1982], p. 212)) – e que, por consequência, está fora de determinações reprodutivas e mesmo de gênero, para além de hetero ou homo, e sem ilusão quanto a alguma androginia (aliás, impossível). Isto porque a *Identidade* da idioformação está situada no ponto bífido que a caracteriza como idioformação. Neste ponto não há qualquer prescrição ou finalidade²⁵: tudo aí se indiferencia e o campo das possibilidades fica em aberto a cada vez que o movimento pulsional passa por ele. Se a Identidade é esta, as ‘identificações’ (com o modelo papai/mamãe/bebê ou outros) passam a ser meramente circunstanciais e válidas apenas para o momento, como encosto preferencial, modo estético, curiosidade exploratória, vontade de reprodução, etc.

6. A Transformática

Para concluir, retomemos os conceitos abordados acima: a *pulsão*, a deriva da força constante chamada Libido no sentido de sua (impossível) extinção; o *Haver* (que é experiencial para cada pessoa e é radicalmente diferente do âmbito filosófico do Ser, que, este, apenas descreve parcialmente esta experiência) e o *não-Haver* (requisitado, mas de impossível realização); e o *revirão* perene das oposições, seu *ponto bífido*, e a possibilidade de criação de *próteses*.

²⁵ Só há aí um único sentido, o da Lei: $A \rightarrow \tilde{A}$ (cf. item 4 acima).

Além destas bases, a Transformática se utiliza fundamentalmente de uma *teoria polar das formações*. É uma teoria que reconhece *polos* de formações (neles descobrindo *focos* e buscando descrever suas *franjas*), e não fronteiras; e se aplica em mapear as transitividades e transações entre as formações (sem sujeito ou subjetividades que as organizariam). Uma vez, então, que sua operação é com as formações do Haver, lida-se igualmente com formações bio, mecânicas, ou mistas, sem a obrigação de mantê-las em oposição ou mesmo de encarecer sua hibridização (caso da metáfora do ciborgue). A *comunicação* sendo, portanto, o processo dos acoplamentos das formações em meio à co-moção que há entre elas em função da possibilidade do “percurso transitável” inerente ao Haver (cf. o final do item 3 acima).

No mais, como a Transformática organiza seu campo em torno da operação do revirão: ela pode reconhecer em outros campos, ainda que não assumida como tal, uma permanente recorrência do processo de revirão. Isto lhe possibilita lançar mão do que se produz nesses outros campos, mas o tratamento que dará a estas produções será específico de seu campo (pulsional) próprio. Dito de outro modo, em sua prática, ela reconhece, descreve e busca desfazer recalques que estejam impedindo a operação do revirão, e, para tanto, pode se utilizar do que quer que haja (produções artísticas, filosóficas, científicas...) segundo o protocolo do revirão. É, pois, uma teoria que promove a abstração em relação aos conteúdos e aparências das formações como condição para descrever a dinâmica do processo comunicacional envolvido nos intercâmbios entre as formações; e que, sobretudo, se propõe a destacar os vetores de força presentes nas diversas situações (sociais, políticas, mentais, e mesmo cosmológicas) no sentido de detectar hegemonias, ideologias e mitemas em funcionamento na cultura e nas mentes (os quais, frequentemente, impedem inovações)²⁶.

²⁶ Retomamos neste parágrafo o que já foi colocado em (Silveira Jr., 2008).

Referências

Números entre [colchetes] se referem às datas de publicação (ou apresentação pública) originais dos textos citados.

ALONSO, Aristides. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. *Tranz: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, v. 5, 2010. Acessar: http://www.tranz.org.br/5_edicao/Tranz10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf

BERMAN, Martin. [1982] *All that is solid melts in the air: the experience of modernity*. Nova York: Penguin, 1988.

DOREN, Charles Van. *A history of knowledge: the pivotal events, people, and achievements of world history*. Nova York: Ballantine books, 1992.

FREUD, S. [1920] *Além do princípio de prazer*. *ESB*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85

_____. [1910h] Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor). *ESB*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 153-4

_____. [1900a] A interpretação dos sonhos. *ESB*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 332

HABERMAS, Jürgen. [1985] *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HARAWAY, Donna. [1983, 1991] Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx. In: TOMAZ, Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. O texto de Haraway foi originalmente publicado em abril de 1983 e desenvolvido posteriormente como o capítulo 8 de seu livro *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature* (Nova York: Routledge, 1991), de onde foi feita a tradução brasileira.

HARVEY, David. [1989] *A Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 4ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MAGNO, MD. [2007] *A rebelião dos anjos: eleutéria e exousia*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2010.

_____. [1999] *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [1996] *“Psychopathia sexualis”*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

_____. [1995] *Arte e psicanálise: estética e clínica geral*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [1982] *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.

MEDEIROS, Nelma. O primado heurístico da noção de “formação”: para uma teoria gnóstica do conhecimento. *Lumina: Revista do PPGCOM / UFJF*. Vol.2, n. 2, 2008.

SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. O grande plano gnoseológico: comunicação e conhecimento. In: *LUMINA* (Revista do PPGCOM/UFJF), v.2, n.º2, dez 2008. Disponível em:

[http://www.ppgcomufjf.bem-](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=67&path[]=85)

[vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path\[\]=67&path\[\]=85](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=67&path[]=85)

_____. *Artificialismo total*. Ensaios de transformática. Comunicação e psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. *MATRIZES*. São Paulo: ano 5, n. 2, jan./jun. 2012, p. 11-27. Disponível em:

<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/336/pdf>